

STATUS, PODER E PERTENCIMENTO NA SOCIEDADE IGBO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA NARRATIVA LITERÁRIA DE CHINUA ACHEBE (ÁFRICA OCIDENTAL, SÉC. XX)¹

Luiza Ferreira da Silva², Prof.^a Dr.^a Cláudia Mortari³, Maria Cristina Martins Calixto Coelho Cardoso⁴

¹Vinculado ao projeto “Modos de Ser, Ver e Viver: o mundo Igbo a partir da escrita de Chinua Achebe (África Ocidental, século XX)”

²Acadêmica do Curso de História Bacharelado – UDESC/FAED – Bolsista PROBIC/UDESC.

³Orientadora, Departamento de História – UDESC/FAED – claudiammortari@gmail.com

⁴Acadêmica do Curso de História – UDESC/FAED – Bolsista PROBIC-Af/UDESC

O objetivo desta comunicação é apresentar as reflexões desenvolvidas a partir da análise da literatura do escritor nigeriano Chinua Achebe (1930-2013), tendo como foco perceber as noções de status, poder e pertencimento na sociedade Igbo por ele descritas, no contexto do colonialismo inglês na região da África Ocidental. Tal proposta, inserida no campo dos estudos africanos e na reflexão entre história e literatura, tem como fonte de análise a obra literária *A flecha de Deus* (*Arrow of God* - 1964) e entrevistas realizadas com o autor entre os anos de 1988 e 2008.

Achebe foi professor, crítico literário e escritor nigeriano da etnia Igbo tendo publicado diversas obras durante a sua vida (MORTARI, 2017). A obra referida, foi publicada em 1964 contexto do pós-independência da Nigéria, marcado por conflitos e disputas políticas como resquícios do período colonial. A necessidade de mudanças também estava na emancipação do pensamento, em busca do autodomínio (MBEMBE, 2014, p. 54), sendo esse um dos vetores para a escrita do livro, uma leitura sobre si, escrita por si mesmo, através de olhares de pertencimento nas sociedades das quais fazia parte. A partir de entrevistas com o autor, percebemos que sua intencionalidade na escrita literária surgiu durante a sua formação acadêmica, onde as literaturas lidas, escritas por europeus, narravam histórias com olhares negativos sobre as Áfricas, então seu objetivo passou a ser: “trazer essa outra história que não estava sendo dita, trazê-la à existência, colocá-la entre as histórias e deixá-la interagir” (EHLING, 2002), para causar um “equilíbrio das histórias”, termo que cunhou em sua entrevista para o *The African Report* (2007).

O contexto que se passa a narrativa segue o período de colonização da Nigéria no início do século XX pelos ingleses cuja estrutura colonial foi a de “indirect rule” (M’BOKOLO, 2011, p. 452-453), ou seja, regra indireta, um projeto de aproveitamento de estruturas locais para implementação das necessidades coloniais o que incluía os líderes políticos e, muitas vezes, os religiosos pelo fato das duas funções estarem conectadas, mesmo que a imagem de reis ou autoridades religiosas/políticas nos moldes europeus não se fizesse presente. Achebe afirma que foi uma característica da cultura do povo igbo que os levou a apropriação da religião do colonizador: “a visão mundial do igbo é basicamente uma visão de mundo da mudança. [...] o Igbo viu os europeus e o poder que eles tinham e ouviram o que eles pregavam; eles somaram dois mais dois juntos e disseram: você sabe, essas pessoas são tão poderosas, deve haver algo no que eles acreditam” (BONETTI, 1989).

Esse lugar de poder e busca por status na sociedade igbo é narrada por Achebe na história de Ezeulu, que é sumo sacerdote da aldeia fictícia Umuaro, função que permite um espaço de liderança e governabilidade dentro da comunidade, e que com a chegada dos colonizadores ingleses tem como dever as ações diplomáticas com o novo grupo. É por essa razão que Ezeulu manda seu filho participar

da igreja do homem branco, tendo como intenção o reconhecimento e avaliação da nova religião, por que, pelas poucas informações que tinha, uma das dúvidas que surgiram era: “mas o que aconteceria se, tal como muitos oráculos profetizaram, o homem branco tivesse vindo para assenhorear-se da terra e governá-la? Neste caso, seria mais sábio ter um homem de sua família do lado de lá” (ACHEBE, 2011, p. 64). E o filho, mesmo contrariado, faz o que o pai lhe diz.

Achebe, quando é questionado sobre as contradições entre pais e filhos em um de seus livros, em uma entrevista responde que “esta é uma relação que talvez não compreendamos a menos que sejamos de uma cultura como a dele” (ROWELL, 1989). Segundo o autor, não faz parte da cultura igbo um filho contrariar o próprio pai, mesmo que seja a sua maior vontade, sendo essa mais uma das noções de pertencimento deste grupo. É nessa chave interpretativa que olhamos Oduche, filho de Ezeulu, mandado para a igreja por dois anos para aprender com o homem branco, e acaba se encantando com os novos saberes que se diziam superiores aos credos de seus pais. Achebe coloca os personagens como agentes em seus meios (MORTARI, 2017), fazendo com que Oduche se aproprie da religião do branco nos anos de contato com ela, a partir disso as noções de pertencimento vão se modificando. O garoto se prontifica a corresponder um pedido do pastor cristão de sua igreja, a morte da jiboia sagrada pro povo igbo, a fim de afirmar seu novo espaço na religião cristã. Na narrativa, ele acaba não cometendo o crime, mas a sua intenção é descoberta por toda a aldeia, fazendo com que estes se voltassem contra seu pai, o sumo sacerdote.

A encruzilhada que surge a partir disso é que o pai, em uma posição de status e poder, deveria matar qualquer um que tentasse cometer o crime contra a jibóia sagrada, para assegurar seu lugar de pertencimento à aldeia Umuaro, mas quem teve a intenção de cometer o crime foi seu filho, que desejava o pertencimento a religião do branco. A partir desse olhar de Achebe, podemos apontar indícios que permitem entender como a chegada do colonizador europeu contribuiu para alterar as formas de status, poder e pertencimento das sociedades tradicionais africanas, assim como isso foi incorporado pelos brancos colonizadores como parte do projeto colonial nestes lugares. Essa perspectiva é evidenciada por Elikia M’Bokolo (2011), quando trata das “indirect rules”, onde a introdução das políticas coloniais nas estruturas já formadas modificaram, além da vida econômica, também a vida comum e religiosa, sob a intenção de permitir “aos africanos ter uma boa formação para uma administração eficiente” (p. 453).

Vários podem ser os desafios de trabalhar com a literatura africana sendo o principal, o deslocamento do olhar colonial, em conjunto com a própria intenção do autor de causar esse movimento. Por exemplo, quando na narrativa aborda termos na língua igbo que tem tradução apenas no glossário ao fim da obra, que podemos entender como uma forma de deslocar a leitura colonial da narrativa, para uma imersão na forma em que a cultura igbo se organizava. Achebe, além de apontar como a sociedade igbo se estruturava, também apresenta na sua narrativa, os impactos da presença colonial nas formas de organização social e política das sociedades igbos, de forma a entender as relações de contato entre o colonizado e o colonizador.

Figura 1

Figura 2



*Jerry Bauer/ Divulgação –
Companhia das Letras*



*Arrow of God – 1964
(primeira edição)*

Palavras-chave: História de África; literatura; pós-colonial;

REFERÊNCIAS:

ACHEBE, Chinua. **A Flecha de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. An African Voice. [Entrevista concedida a] Katie Bacon. Massachusetts: **The Atlantic**. Agosto/2000. Disponível em:

<<https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2000/08/an-african-voice/306020/>>.

_____. An interview with Chinua Achebe. [Entrevista concedida a] Kay Bonetti. University of Missouri. Missouri: **The Missouri Review**. V. 12, nº 1, 1989. Disponível em:

<<https://muse.jhu.edu/article/411026>>. Acesso em 03 de setembro de 2021.

_____. An interview with Chinua Achebe. [Entrevista concedida a] Charles H. Rowell.

Callaloo. The Johns Hopkins University Press, vol. 136, n. 1, pp. 86-101, 1989. Disponível em:

<<https://www.jstor.org/stable/2931612>>. Acesso em: 3 de setembro de 2021.

_____. **No Condition is Permanent**. [Entrevista concedida a] Holger Ehling. Holger Ehling Blog. Dezembro/2010. Disponível em: <<http://www.ehlingmedia.com/blog/?p=48>>. Acesso em 03 de setembro de 2021.

_____. An interview with Late Nigerian Author, Chinua Achebe. [Entrevista concedida a] Helon Habila. Lyon: **The Africa Report**. 2007. Disponível em:

<<https://www.theafricareport.com/5912/an-interview-with-late-nigerian-author-chinua-achebe-by-helon-habila/>>. Acesso em: 03 de setembro de 2021.

M'BOKOLO, Elikia. A Idade do Ouro ou o Crepúsculo da Colonização – 1910-1940. África Negra. História e civilizações. Do século XIX aos nossos dias. Tomo II. Salvador: UFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.

MBEMBE, Achille. **Abertura do mundo e ascensão em humanidade**. In: MBEMBE, Achille. Sair da grande noite: ensaios sobre a África descolonizada. Angola: Edições Mulemba; Portugal: Edições Pedagogo, 2014, pp. 49-77.

MORTARI, C; GABILAN, K. “CONCORDO, CLARO, QUE UMA BOA ARTE MUDA AS COISAS”. A ESCRITA LITERÁRIA DE CHINUA ACHEBE E A CRÍTICA A COLONIALIDADE.

Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana. V. 10 n.º 20 (2017).

Dezembro/2017.